

OS 
AVENTUREIROS

NA GRUTA DO TESOURO

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES

OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos porque os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: www.isabelricardo.com e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/SerieOsAventureiros

E-mail para leitores: aventureiros@isabelricardo.com

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.com





ÍNDICE

| | | |
|----------------|--|-----|
| PREFÁCIO | | 9 |
| CAPÍTULO I | Um telefonema intrigante. | 13 |
| CAPÍTULO II | Bia, Cris e... <i>João</i> ... | 21 |
| CAPÍTULO III | Um começo nada auspicioso... | 30 |
| CAPÍTULO IV | Uma atitude muito estranha... | 39 |
| CAPÍTULO V | Um hóspede muito suspeito... e uma divertida partida. | 49 |
| CAPÍTULO VI | Uma discussão desagradável. | 59 |
| CAPÍTULO VII | Uma descoberta bem interessante... | 69 |
| CAPÍTULO VIII | Histórias fascinantes... | 79 |
| CAPÍTULO IX | <i>João</i> diverte-se. | 90 |
| CAPÍTULO X | Na capela... | 100 |
| CAPÍTULO XI | Outro homem ainda mais suspeito... | 110 |
| CAPÍTULO XII | No Forte de São Miguel e... o Forno da Orca... | 119 |
| CAPÍTULO XIII | A gruta! | 130 |
| CAPÍTULO XIV | A caminho da Aventura! | 140 |
| CAPÍTULO XV | Nas entranhas do <i>suberco</i> . | 151 |
| CAPÍTULO XVI | Presos nos subterrâneos! | 161 |
| CAPÍTULO XVII | Prisioneiros! | 173 |
| CAPÍTULO XVIII | Uma grande surpresa! | 182 |
| CAPÍTULO XIX | Uma descoberta espantosa! | 192 |

| | | |
|-------------------------|-----------------------|-----|
| CAPÍTULO XX | A Boca do Inferno! | 202 |
| CAPÍTULO XXI | Tudo acaba em beleza! | 215 |
| PALAVRAS CRUZADAS | | 228 |
| SOLUÇÕES | | 230 |
| ACRÓSTICO | | 231 |
| POEMA OS AVENTUREIROS | | 233 |
| COMPOSIÇÃO | | 234 |
| COLEÇÃO OS AVENTUREIROS | | 236 |



Queridos leitores, este livro foi editado pela primeira vez em 1999, a pedido de jovens que lendo o meu primeiro livro infantil publicado, *A Floresta Encantada*, me desafiaram a escrever uma coleção de aventuras para a idade deles.

Fiz-lhes a vontade com o maior prazer e iniciei-a com este livro, que é o primeiro de muitos, e que espero que gostem tanto de o ler como eu gostei de o escrever.

Irão conhecer o Tó Jú e o Daniel, a Bia e o Cris, e, claro, não me poderia esquecer do mais brincalhão de todos: o *João*. Como irão ler, não é uma criança, mas um corvo, e posso dizer-lhes que existe mesmo.

Esta é uma nova fase da vida dos AVENTUREIROS, pois já se devem ter apercebido de que a editora mudou. Os livros têm novas capas, novas ilustrações, novo grafismo, e tenho a certeza que ainda os irão achar mais atrativos.

Queria pedir-lhes que, por muito que desejem, nunca se metam em situações arriscadas, como as dos nossos amigos. As aventuras em grutas são perigosas e, portanto, devem fazer-se acompanhar por adultos. Há sempre o perigo de buracos, quedas e mil e outras peripécias inesperadas. Para isso é que escrevi este livro: para que vocês pudessem sonhar ser um dos AVENTUREIROS e viver esta emocionante aventura, sem passar por riscos desnecessários.

A história da gruta onde se via a mesa e os bancos de pedra foi-me contada pela minha avó e houve muita gente que viu, na altura em que o mar recuou muito. Os antigos chamavam-lhe *Boca do Inferno*.

A gruta por onde entraram os quatro primos existe mesmo, só que, sensatamente, não me atrevi a explorá-la, sabendo dos riscos que corria. Quanto ao submarino, também foi tudo verdade; os alemães apareceram na Nazaré no dia 20 de maio de 1945, embora não tivessem deixado ouro nenhum, logicamente. No entanto, os pescadores dizem que o sonar acusa quando passa por cima do submarino afundado.

Nos dias 4 e 5 de agosto de 1998 aconteceu mesmo o que vos conto

no capítulo XXI e, devido ao clima alterado, tem acontecido quase todos os anos.

Gostaria ainda de deixar um agradecimento muito especial a algumas pessoas: ao meu editor, Luís Corte Real, por se ter entusiasmado com esta coleção e ter apostado nela; ao Tiago da Silva, cujas fantásticas ilustrações para as capas excederam em muito as minhas expectativas; à Isabel Alves, cujas ilustrações enriqueceram ainda mais estes livros; a toda a equipa da Saída de Emergência pelo trabalho magnífico que fazem; ao meu companheiro, Vítor Figueira, pelo apoio constante em todo este processo; e não podia esquecer-me dos fãs desta coleção que continuam a brindar-me com o seu entusiasmo constante.

Com um grande abraço da vossa amiga,

A handwritten signature in cursive script that reads "Isabel Ricardo". The signature is written in dark ink and is positioned on the right side of the page.

Ao Tó Jú e ao Mauro,
à Ana Isabel e ao Cristiano,
à Inês e ao André,
e, claro, ao *João*.



CAPÍTULO I

Um telefonema intrigante.

A campanha do telefone retiniu de uma maneira irritante, sobressaltando uma senhora de trinta e poucos anos, de cabelos pretos e bonitos olhos esverdeados.

— Daniel, vai atender o telefone, anda, enquanto eu pounho o jantar na mesa.

Um rapaz de onze anos, moreno e com ar traquina, correu para a sala, imitando o barulho de uma motorizada a trabalhar. Reapareceu pouco tempo depois, fingindo uma travagem brusca e sentou-se à mesa.

— É a madrinha. Quer falar contigo, mãe, e pareceu-me muito misteriosa...

A mãe poisou o prato sobre a bancada, contrariada. Não gostava nada de receber telefonemas à hora das refeições. Distraída, dirigiu-se para a despensa e, lá chegando, estacou, atarantada. Virou-se ao ouvir as gargalhadas do marido e dos filhos.

— Ias atender o telefone, mãe... — informou Tó Jú, divertido.

Ela riu-se e correu para a sala. Era terrivelmente distraída, o que era motivo de divertimento na família. Levantou o auscultador.

— Sim, sou eu. Sim? Ao tempo que não o vejo... Claro, continuas com as obras em casa... Não me importo nada; até vou gostar de ver os garotos e como há beliches nos dois quartos, não há problema. Fizeste bem. Amanhã falamos. Um p'ra ti também e para os pequenos.

Desligou o telefone e por momentos ficou-se, distraída. Depois dirigiu-se para a cozinha, nem reparando na

curiosidade dos filhos e no interesse do marido. Pegou nos pratos que ainda não haviam sido usados e levou-os para o lava-loiças, perante o sorriso deles.

— Se gostas assim tanto de lavar loiça, que até lavas os que estão limpos, não sou eu que te vou impedir, mas precisamos de pratos para jantar... — observou o marido, piscando o olho aos filhos. Era um homem alto e espadaúdo, cabelo castanho farto e olhos escuros. Tinha um sorriso muito agradável, igualzinho ao do filho mais velho.

Ela riu-se e começou a servi-los, desatenta, sem se aperceber da curiosidade deles.

— O que queria a madrinha? Estamos em pulgas!

— Pediu-me uma coisa. O meu primo Miguel telefonou-lhe e pediu que os filhos ficassem com ela duas semanas, já que ele e a mulher têm de viajar e não os podem levar. É claro que a minha irmã concordou, até porque já haviam combinado isso há uns meses, só que ela esperava que nesta altura já as obras estivessem concluídas na casa nova...

— Então e porque é que ela não disse isso ao vosso primo?

— Não sei bem... Para dizer a verdade, não percebi, mas também não importa. Bem sabes que eu e a minha irmã crescemos juntas com o meu primo e a irmã dele. Sempre nos sentimos todos irmãos, embora eles fossem mais unidos, apesar da diferença de idades... Gostava de voltar a ver os pequenos. Há séculos que não os vejo!

Daniel trocou um olhar com o irmão e torceu o nariz, desdenhoso.

— E onde vão eles dormir?

— No teu quarto, claro, que tem dois beliches e tu dormes no quarto do Tó Jú.

— Mas por que razão não posso eu ficar no outro quarto que está vazio? — inquiriu o rapaz, aborrecido.

— Preciso dele para o alugar. Pode aparecer alguém de

repente, bem sabes. E que mal tem dormires no quarto do teu irmão? Tem beliches também, qual é a diferença?

Quando Daniel ia abrir a boca para voltar a replicar, o olhar do pai fê-lo parar. Permaneceu calado o resto da refeição, comendo sem apetite. O irmão comeu bem-disposto, como de costume, embora também se sentisse um bocadinho aborrecido com a notícia. Afigurava-se-lhe que os primos deviam ser um pouco maçadores, para não dizer snobes...

Quando acabaram o jantar e depois de ajudarem a mãe a levantar a mesa, dirigiram-se para a sala e ligaram a televisão.

— Que frete, já viste?! Termos de aturar os peneirentos de uns primos de quem já nem nos lembramos e que devem ser uns chatos. Já os estou a ouvir, a criticarem tudo, já que estão habituados a outras coisas.

— Não digas isso. Nem os conhecemos, até podem ser fixes... — comentou Tó Jú, com pouca convicção. Era um rapaz de treze anos, calmo e compreensivo, de cabelos escuros e olhos castanhos, mas não tão moreno como o irmão.

— Duvido. E hei de fazer com que eles se vão embora mais cedo.

— Não sejas tonto. Se a mãe te ouve...

Esta surgiu na sala a limpar as mãos molhadas ao pano da loiça.

— Já lavaram os dentes? E qual de vocês me limpa a loiça?

Tó Jú riu-se e tirou-lhe o pano das mãos, sacudindo-o nas costas do irmão e correndo atrás dele até à casa de banho. A mãe seguiu-os, a rir-se.

— Quando é que vêm esses primos?

— Amanhã, à tardinha.

— Já?! Não te parece muito repentino?

A senhora olhou para o filho mais velho, pensativa.

— Agora que falas nisso, também acho... Porque será? Espero que o Miguel não esteja com problemas.

— Que raio de ideia impingir assim os filhos! — observou Daniel, de mau humor e com a boca cheia de espuma.
— Devem ser uns chatos!

A mãe franziu o sobrolho.

— Daniel, não fales dessa maneira dos teus primos. Espero que te portes bem enquanto eles cá estiverem. Bastou o que aconteceu há uns anos...

— O que aconteceu? Não me lembro de os termos cá...

— Numa altura em que os quatro estavam a brincar, o Daniel foi por detrás da vossa prima e zás! Cortou-lhe as duas tranças. A Beatriz usava umas tranças muito compridas. E ficou com o cabelo à rapazinho. E se ela ficou furiosa! Fartou-se de bater no Daniel. Eras muito mauzinho quando eras pequeno... Estavas sempre a fazer malandrices.

Tó Jú riu-se às gargalhadas, imaginando a cena e até o irmão sorriu, embora logo o escondesse.

— De que idade são eles, mãe?

— Ora bem, o Cristóvão tem a tua idade, só uns meses de diferença, e a irmã deve ter doze anos.

Daniel ficou com cara de poucos amigos. Ainda por cima! Era o mais novo dos quatro.

Tó Jú piscou o olho à mãe, calculando o que ia na cabeça do irmão.

— Agora, quando eles vierem, sejam delicados, ‘tás a ouvir, Daniel?

O rapaz acenou afirmativamente com a cabeça e ficou a matutar naquilo depois de o irmão e a mãe terem ido para a cozinha. Cada vez detestava mais a ideia de ter dois estranhos em sua casa, a ter de dividir tudo e sem poder falar ou fazer tudo o que lhe apetecesse. Provavelmente a mãe não o deixaria estar todo o dia na praia, como era habitual, para

poder fazer companhia aos malfadados primos. Ora, abóboras para eles! Caírem assim do céu aos trambolhões...

No dia seguinte acordaram cedo e foram dar uns mergulhos ao mar, que estava simplesmente espetacular, como Daniel costumava dizer; com ondas a “dar com um pau”...

Desde sempre que viviam na Nazaré e tinham muito orgulho nisso. Só lamentavam estar mais longe da praia do que há um par de anos. A antiga casa era a dois passos da praia. Adormeciam e acordavam com o cheiro agradável da maresia pelas narinas adentro. Agora não. Moravam num bairro bastante recente e afastado do centro da vila, para desespero dos dois que viviam enfiados no mar, logo que o Sol começava a dar um sinalzinho da sua graça. A mãe é que ficara encantada com a mudança. A casa onde moravam era um palácio, comparada com a anterior, que era um cochichinho, como ela dizia. Só tinha pena da antiga vizinhança.

Depois do almoço, deitaram-se sobre a relva do jardim, de papo para o ar e as mãos cruzadas sob a cabeça.

— Não tens curiosidade em conhecer estes nossos primos, Daniel? São aqueles que se aproximam mais das nossas idades.

O outro deu estalinhos com os lábios, ainda meio amuado.

— Bem... o rapaz até deve ser bacano, mas agora a rapariga... São todas umas pragas!

O irmão riu-se.

— Vais ver como mudarás de opinião daqui a um ano ou dois!

Daniel fitou-o de sobrolho franzido e permaneceu calado.

— E que me dizes se fôssemos de bicicleta até ao parque de campismo fazer uma visita ao Rui e ao João? Não os vemos desde o verão passado e gostava de os ver novamente. Já

devem estar mais que instalados... — observou Tó Jú, com os olhos a brilhar. — Quem me dera no lugar deles... Irem acampar sem os pais, com uma dúzia de rapazes e só com um adulto que, por sinal, é porreiro e quase nem dão por ele... Haverá coisa melhor? Quem me dera!



— Não sei se devemos ir. Os outros podem não gostar.

— Que ideia, Daniel! Conhecemo-los quase todos. O ano passado vieram com as famílias de Santarém e alugaram as barracas da praia.

— Bem sei, mas eles não me ligam grande importância por eu ser mais novo do que eles. É uma seca ser o mais novo! Tó Jú riu-se e deu-lhe um empurrão amigável.

— Anda lá, não sejas desmancha-prazeres. Depois não o poderemos fazer, com os primos cá. Não sabemos se eles quererão alinhar nisto.

— Pronto... está bem. Vai buscar as bicicletas, enquanto eu vou avisar a mãe.

Alguns minutos depois já pedalavam estrada fora. Respiravam o cheiro dos pinheiros com prazer, conversando. Passado pouco tempo já estavam cheios de calor.

— Pronto, chegámos!

— Foi num instante!

Passaram o portão, encostando as bicicletas a um muro. Já lá estavam duas com bom aspeto, presas uma à outra com um forte cadeado.

— De quem serão estas bicicletas? — perguntou Daniel, interessado, tocando as campainhas, desalmadamente.

Tó Jú quase teve de o arrancar dali à força e arrastou-o, a bem dizer.

— Os donos devem ter bom dinheiro. Vamos, já estou a ver o João à entrada daquela tenda azul.

— RUI! Olha o Daniel e o Tó Jú! — gritou um rapazito sardento, ao avistá-los.

Outro rapaz, de cabelo desgrenhado, saiu de uma tenda ao lado, comendo uma sanduíche com uma fúria que mais parecia não comer nada há pelo menos duas semanas.

— Daniel! Tó Jú! Não sabíamos que vocês vinham, não é, João? — perguntou o Rui, dando uma grande dentada no pão. O amigo concordou com um aceno de cabeça.

Os irmãos sorriram, encantados com a receção que até ao sisudo Daniel agradou.

— Querem lanchar connosco?

— Mas ainda são três e meia e vocês já vão lanchar?! — espantou-se Daniel.

— Quando se está acampado, estamos sempre cheios de fome. É o ar dos pinheiros combinado com a maresia do mar — replicou Rui, sorrindo e mostrando uns dentes encavalitados uns nos outros.

— Que inveja eu tenho de vocês! Andarem assim à solta, sem terem de prestar contas a ninguém...

Os outros concordaram, satisfeitos.

— Para falar a verdade, também eu já tenho fome. Deve ter sido de vir a pedalar... — disse Tó Jú, bem-disposto. — Nem imaginam as novidades que temos para vos dar!



CAPÍTULO II

Bia, Cris e... João...

— **Q**ue estopada!, ir para casa de uns primos que nunca vimos mais gordos! Que péssima ideia o pai havia de ter... — observou uma rapariga de doze anos, alta e magra, cabelos castanhos-dourados, curtos e encaracolados, e olhos verdes-claros muito bonitos. Umas sardas salpicavam-lhe o nariz arrebitado, dando-lhe um ar simpático. O seu rosto estava com uma expressão mal-humorada enquanto deitava um olhar rápido ao irmão.

Entraram no comboio, apressados, evitando os acovelamentos de pessoas mais impacientes. Um corvo acompanhava-os, poisado no ombro da rapariga. Era de um negro tão reluzente que, por vezes, quando a luz do Sol lhe batia, as suas penas ganhavam reflexos azuis ou verdes, tornando-o fascinante. Os olhos tinham um brilho de esperteza e o bico era comprido e forte. Naquele momento, palavra ao ouvido da dona, enquanto lhe dava bicadinhas amigáveis na orelha.

A expressão de Bia suavizou-se como por encanto e coçou-lhe a cabeça.

— Pássaro maluco!

O corvo deu uma gargalhada ruidosa, imitando na perfeição o pai dos dois irmãos.

As pessoas com quem se cruzavam estacavam, assombradas, ao perceberem que era o corvo que se ria daquela maneira tão escandalosa. Seguiam-nos com o olhar, sorrindo.

A ave, percebendo que estava a ser o alvo da admiração de tanta gente, soltou nova gargalhada ainda mais estrondosa.

«Oo-lá! Oo-lá!», cumprimentou, levantando a cabeça com o «Oo» e baixando-a com o «lá», como se fizesse uma vénia à assistência.

Os passageiros sorriram, fascinados com a esperteza do pássaro. Não conseguiam afastar os olhos dele.

— Ora vejam só! — exclamou um homem, coçando a cabeça. — Um corvo que fala... Se me contassem, não acreditava! Ora vejam só!

«Ora vejam só! Ora vejam só!», fez o corvo, imitando-lhe a voz na perfeição, para deleite do homem, que quase não cabia em si de contentamento e admiração.

Bia riu-se, já habituada àquelas situações.

— Caluda, seu maroto! Calado!

«Caluda, seu maroto! Calado! Chchchchch!»

Todos se voltaram a rir, divertidos.

Cristóvão empurrou a irmã à sua frente, impaciente. Não gostava tanto de conviver com pessoas desconhecidas como ela, que fazia amizades com a maior das facilidades. Ele não. Era muito reservado e as pessoas consideravam-no antipático erradamente. O seu cabelo era louro, tinha a pele muito clara e os olhos azuis.

Deu uma pancadinha no bico do pássaro, tentando calá-lo para não atrair tanto as atenções sobre eles.

«Maroto! Maroto!», fez o pássaro, imitando a voz do rapaz que acabou por sorrir.

— Se não calas o *João*, vamos ter toda a gente a tentar ficar junto de nós e depois já vês como é... Não teremos um minuto de sossego!

A rapariga riu-se e fez uma festa ao pássaro.

— Querido *João*! Ainda bem que o pai não pôs nenhum obstáculo a que viesse connosco. Também não viria sem o meu querido *Joãozinho*!

O irmão abanou a cabeça, desaprovador.

— És tão doida como ele! Será que a tia Cristina sabe que ele vem connosco?

— Não sei... Espero que saiba.

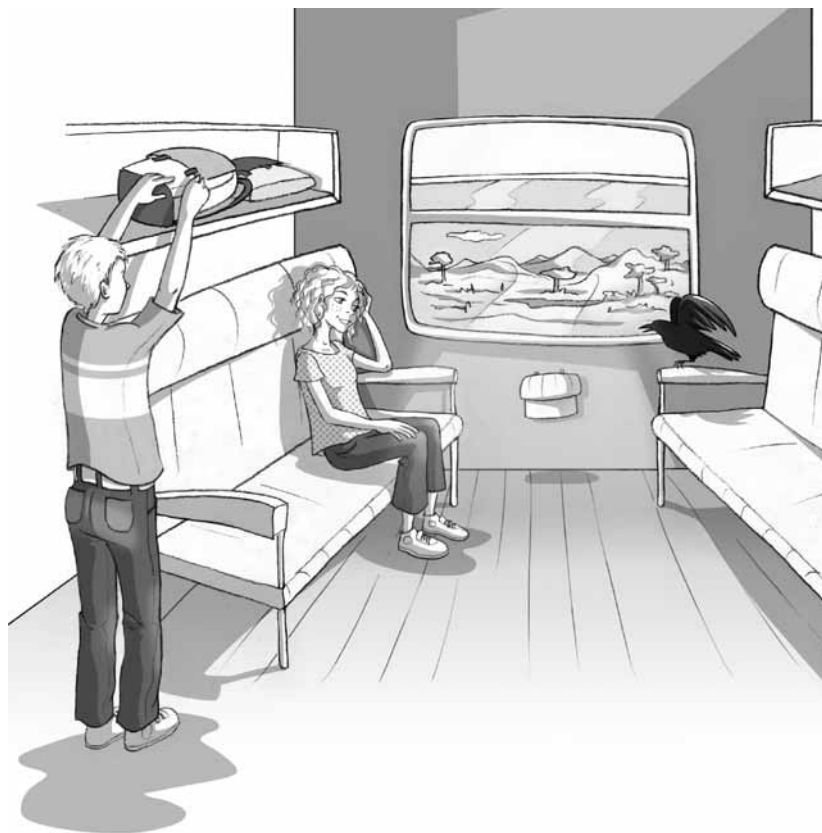
— Tens de o controlar muito bem. Sabes como o *João* é com estranhos... Desata a dar bicadas a torto e a direito.

Ela virou-se para o pássaro e coçou-lhe o alto da cabeça.

— O *João* vai portar-se muito bem, não é, *João*?

«Caluda! Maroto!»

Eles riram-se. Encontraram um compartimento vazio e entraram, sentando-se em frente um do outro, depois de terem tirado as mochilas.



— Não achaste o pai tão estranho quando nos falou ontem? Senti que escondia qualquer coisa... O que seria? — disse Cris, arrumando as mochilas na prateleira.

— Também achei. Quando ele estava ao telefone com a minha madrinha, pareceu-me muito misterioso. Enxotou-me para fora da sala quando me viu, pregando-me um ralhete. Ora, ele nunca teve segredos para nós... Deve estar a passar-se alguma coisa muito estranha! Surpreendi-o muitas vezes a cochichar qualquer coisa com a mãe. Assim que me viam, calavam-se logo!

— E foi muito repentina a ideia de nos mandar para casa da tia, depois de nos ter prometido que nestas férias nos levaria a Marrocos... Que desconsolo!

O pai dos pequenos era comandante num navio de passageiros. Já viajara pelo mundo todo, em cruzeiros, e eles invejavam-lhe a sorte.

— Parecia que estava desejoso de se ver livre de nós! — observou Bia, com mágoa, pois adorava verdadeiramente o pai. — Quase nos enfiou à força para dentro do comboio, com bicicletas e tudo!

O irmão riu-se.

— Quem te ouvir falar, pensará que nos obrigou a carregar com elas às costas!

Bia deitou-lhe um olhar aborrecido.

— Sabes bem o que eu queria dizer! Não sejas maçador!
«Maçador! Maroto! Ora vejam só!»

Eles riram-se. Às vezes, o corvo parecia entender perfeitamente as conversas quando metia a sua colherada, tão a propósito.

— E também não gostei nada que nos tratasse como se ainda fôssemos criancinhas; avisando-nos para não conversarmos com estranhos — comentou Bia, que era muito senhora do seu nariz.

O rapaz ficou pensativo.

— Decididamente o pai estava preocupado com qualquer coisa. Não costuma agir assim. A mãe também me pareceu mais distraída do que o habitual. Parecia estar a muitos quilómetros de distância...

Alguns minutos mais tarde já estavam com fome e foram buscar o lanche que a mãe lhes arranjava. Desembrulharam sandes de queijo e fiambre e saborearam-nas, deliciados, com a ajuda do corvo que parecia estar tão esfomeado como eles.

— Safa! Não me tinha apercebido de que estava com tanta fome! — observou o rapaz, dando uma valente dentada no pão. — Bia, ralha com o *João*! Arrancou-me um enorme pedaço de queijo, o comilão!

«Comilão! Comilão! Maroto!», fez o *João*, deixando cair o queijo sobre o assento. Voltou a apanhá-lo com o bico e afastou-se um pouco de Cris com receio que ele lho tirasse. Era um pássaro muito manhoso!

— O coitado devia estar tão esfomeado como nós! — observou a rapariga, entregando um pacote de sumo ao irmão. — Cris, como achas que serão esses primos?

— Sei lá! Não faço a mínima ideia. Provavelmente serão uns briguentos sem educação. Não lhes daremos confiança. Não temos necessariamente de passar o dia todo com eles.

A irmã concordou em silêncio, enquanto acabava de comer. Pouco tempo depois levantou-se.

— Vou ao WC. Vê lá se o *João* não me segue.

Este viu-se inesperadamente sem a sua adorada dona e soltou um grito de indignação quando Cris o agarrou com firmeza. Deu-lhe uma valente bicada, sendo logo libertado.

— PATIFE! Espera que eu já te apanho. Hás de levar uma valente pancada no bico. Safado!

João saiu para fora do compartimento, aos saltinhos, com uma risadinha trocista, enquanto imitava aqueles dois

adjetivos novos. Encontrou-se no corredor. Mas da pequena dona, nem sinal, para sua desilusão. Viu outro compartimento ao lado de porta aberta e entrou, decidido a ver se fora lá que ela se escondera.

Uma velhota, meio desdentada, de buço muito pronunciado, estava sentada a dormir profundamente e ressonava de boca aberta. Sobre o colo tinha um grande cesto cheio de maçãs e peras demasiado maduras.

João voou para uma prateleira, escondendo-se atrás de um malote castanho. Pôs a cabeça de lado e observou a mulher com muito interesse. Imitou o rressonar dela na perfeição. Depois tossiu discretamente como costumava ouvir ao varredor. Vendo que ela nem sequer reparava nele, coisa a que não estava habituado, tossiu com mais força.

«Oo-lá! Oo-lá! OO-LÁÁ!»

Mas nem mesmo assim a dorminhoca acordou, fazendo ainda mais barulho a rressonar.

João andava de um lado para o outro, impaciente. Não gostava de ser ignorado daquela maneira. Que desprante, o daquela criatura!

De repente, lembrou-se de uma frase que costumava ouvir muitas vezes ao pai dos dois garotos quando ia acordar a filha.

«Acorda, preguiçosa! Acorda, preguiçosa! ACORDA!», gritou ele, olhando para ela fixamente.

A mulher acordou sobressaltada e deu tamanho salto que o cesto caiu no chão, espalhando a fruta por todos os lados. Olhou, ainda meio atarantada, para todos os lados, sem saber o que a acordara.

— Ora, abóboras! Que rico serviço!

«Ora, abóboras! Que rico serviço!»

Ela olhou à sua volta, confusa. Nunca ouvira falar em ecos dentro de comboios. Baixou-se para apanhar a fruta, um pouco desconfiada.

«Patife! Safado! Que rico serviço! Ora, abóboras!»

A mulher deixou cair as pernas que tinha nas mãos e olhou à sua volta, alarmada. De onde sairia aquela voz sem corpo?!

João desatou às risadinhas, parecendo divertido com a situação.

A pobre ficou sem pinga de sangue. Levantou-se com as pernas a tremer, não se atrevendo a olhar à sua volta com receio de encontrar um ser demoníaco a divertir-se às suas custas. Sentou-se vagarosamente e a pouco e pouco foi retomando o sangue-frio. Que palermice a sua! Devia estar a ouvir coisas. Precisava de descansar, era o que era!

Ouviu-se um miado. E de novo outro miado mais prolongado, quase aflitivo.

Por aquela é que não esperava. Um gato! Um gato a miar num comboio! Pobre bichinho! Quem é que teria tido a coragem de abandonar o animalzinho?! Que malvadez! Pôs-se a espreitar para debaixo dos assentos, convencida de que ia encontrar o bichano, mas nada. Ainda deu uma espreitadela para o corredor, mas só viu um homem a fumar à janela.

Voltou para dentro e apanhou a fruta do chão, com alguma dificuldade, pois custava-lhe imenso estar sobre os joelhos.

João observava-a com a cabeça de lado, muito atento.

De súbito, rosnou ameaçadoramente e a mulher deixou cair novamente o cesto, aterrada. Olhou à sua volta com os olhos quase a saltarem-lhe das órbitas e correu para fora, escorregando numa maçã, quase investindo contra o traseiro do homem que fumava à janela.

Enfiou pela primeira porta que viu. Sentou-se, espavorida, falando sozinha e sempre de olhos fixos na entrada, receando que o que quer que fosse o causador daqueles barulhos, surgisse para seu terror. Toda ela tremia como varas verdes, branca como um lençol.

Cristóvão deitou-lhe um olhar surpreendido, interrogando-se sobre o que teria assustado tanto a nova ocupante. Olhou pela janela, receando que ela começasse a meter conversa. Decididamente, não estava com nenhuma disposição para conversas.

Bia, que já vinha no corredor, viu a saída intempestiva da mulher e espreitou para o lugar de onde ela havia saído, curiosa. Viu a fruta toda espalhada no chão. *João* voou-lhe para o ombro, pregando-lhe um valente susto.

«Maroto! Maroto! Patife!»

— Mariola! Assustaste a pobre senhora! Que vergonha! Mauzão! — ralhou ela, dando-lhe um piparote no bico. Pôs-se a apanhar a fruta, arrumou-a no cesto o melhor que conseguiu e regressou ao seu compartimento, carregando o cesto com alguma dificuldade. Conteve um risinho ao ver a cara assustada da dona do cesto e entregou-lho. — Peço desculpa se o meu corvo a assustou. Ele não costuma ser tão insolente. Chamo-me Bia e ele chama-se *João*. Aquele ali é o meu irmão Cris.

A senhora fitou-a, espantada, enquanto observava o pássaro, atenta.

— Valha-me Deus! Então quem fazia todo aquele barulho era... esse pássaro?! Não me diga! O susto que ele me pregou!

João fitou-a com os seus olhos tão brilhantes e fez-lhe o habitual cumprimento com a vénia que tanto divertia toda a gente.

«Oo-lá! Oo-lá!»

— Que pássaro esperto! Parece mesmo uma pessoa a falar. Se alguma vez me passaria pela cabeça uma coisa destas. Olhem qu'êsta...

Bia sorriu, satisfeita com o elogio feito ao seu querido corvo.

«Olhem qu'êsta! Olhem qu'êsta!», fez *João*, encantado com o som das novas palavras.

O resto da viagem tornou-se muito divertida e bem-disposta, com a mulherzinha sempre a meter-se com o pássaro, presenteando-o com uma maçã e uma pera. Nem se importou que ele lhe tivesse bicado mais meia dúzia delas. Cris é que não fez parte da alegria geral. Não conseguia disfarçar o seu aborrecimento por aquela viagem tão inesperada.

Se ele desconfiasse o que os esperaria...